

# O QUÊ CHRISTINE DE PIZAN NOS FAZ PENSAR.<sup>1</sup>

Ana Míriam WUENSCH<sup>2</sup>

**RESUMO:** A leitura d’*O Livro da Cidade das Damas* pode provocar alguma perplexidade em estudantes universitários não habituados a considerar, nas pesquisas ou no ensino, autoras na história da filosofia. Tratamos, neste artigo, do impacto da recepção da obra de Christine de Pizan na disciplina de graduação *Ideias Filosóficas em Forma Literária*, na Universidade de Brasília (UnB) em 2012. Buscamos pensar, com os estudantes, o que este texto pode sugerir para uma reflexão filosófica que considere a existência de autoras em sua história, num duplo entendimento, contextual e extemporâneo de Christine de Pizan. Especialmente sua formulação do problema da misoginia, e sua estratégia argumentativa alegórica e exemplar em defesa das virtudes femininas na pluralidade da condição das mulheres, o que será tratado em um próximo artigo. Aqui, apresentamos algumas considerações filosóficas preliminares para ler Christine de Pizan. Na sequência, nos ocuparemos de suas estratégias filosófico-literárias n’*O Livro da Cidade das Damas*.

**Palavras-chaves:** Christine de Pizan, Cidade das Damas, Condição da Mulher, História da Filosofia.

**ABSTRACT:** Reading *The City of Ladies* puzzles first degree university students who are not used to consider women writers in the history of philosophy. This work deals with the reception of the major work of Christine de Pizan in the context of an undergraduate course in philosophy at the University of Brasilia (UnB) in 2012. While lecturing a course on Pizan’s book, I was concerned with the question of how this book provokes a philosophical reflection that considers women philosophers in the history, both within the context of Pizan and outside it. In particular, I was interested in the formulation of the problem of misogyny in her work and how her argumentative and allegorical strategy in defence of feminine virtues and the plurality of woman’s condition. In this article, I present some philosophical considerations concerning Pizan’s book. (A subsequent work deals with her literary strategies.)

**Keywords:** Christine of Pisan, City of Ladies, Women’s Condition, History of Philosophy.

Los sistemas con que se ha venido a identificar a la Filosofía tuvieron su era en los siglos diecisiete, dieciocho; ni antes ni después. El Renacimiento, pobre en sistemas filosóficos, fue rico en Diálogos, Meditaciones, Epístolas cruzadas entre humanistas, que no tenían el carácter de simple correspondencia amistosa, sino de un género literario, de menor radio de acción, puesto que solo circulaba entre los cultos. (...) Cada época ha tenido las suyas de preferencia: la Edad Media, las Summas.(...) Estas formas diferentes indican que sirven a

---

<sup>1</sup> Este texto desenvolve alguns pressupostos da comunicação “Christine de Pizan: aprendiz e mestra d’A Cidade das Damas” apresentada no evento II Seminário de Estudos Medievais da Paraíba – Sábias, Guerreiras e Místicas. PPGL/PPGCR/UFPB, 11 a 13 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB).

distintas necesidades de la vida. Y se hace necesario hoy el rescatar formas olvidadas, obscurecidas por el brillo de las últimamente dominantes. La forma sistemática ha vencido a las demás y ha arrojado sobre ellas una especie de descalificadora sombra. No las ha alcanzado todavía la comprensión que ha llegado en nuestros días hasta ciertas formas de cultura exótica. (...) Y así hoy se hace necesario rescatar formas tan occidentales como cualesquiera otras y que han debido tener, como su persistencia y su vida aún no extinguida indican, una significación profunda. **María Zambrano** – *La “guía”, forma del pensamiento* [1943]

A disciplina *Ideias Filosóficas em Forma Literária* é oferecida regularmente pelo Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília para a graduação. Não tendo pré-requisitos, permite compartilhar interesses filosóficos diversificados, direta ou indiretamente vinculados às pesquisas dos professores. O próprio título da disciplina apresenta um problema interessante: filosofia e literatura seriam tão estranhas entre si que uma ideia filosófica poderia existir independentemente de qualquer forma literária? Ou teria a filosofia a sua própria literatura, distinta da literatura “em geral”? Neste caso, seria a literatura filosófica uma subcategoria da “grande” literatura? A filosofia, por sua vez, classifica os textos considerados filosóficos entre “maiores” e “menores” a partir de quais critérios?

Estes problemas, mais amplos, constituíram o pano de fundo sobre o qual ofereci um curso nesta disciplina no ano de 2012, por dois semestres seguidos, e no qual se matricularam estudantes de diversas áreas da graduação, como Letras, História, Biblioteconomia, Comunicação, Ciências Sociais e Filosofia. O curso foi um convite para a leitura d’*O Livro da Cidade das Damas*, escrito em 1405, por Christine de Pizan (datas 1365-1429 segundo Richards, e 1364-1430 segundo Llobet e outros biógrafos), cuja tradução para o português estava disponível em suporte virtual, pelo trabalho de tese de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne, publicada em 2012 pela Editora Mulheres. Este texto foi cotejado em aula com a edição em espanhol de Marie-José Lemarchand, e a edição em inglês de Earl Jeffrey Richards, a partir de duas edições críticas que referenciam suas traduções desde 1974 e 1975 (LEMARCHAND, 2001, p.59).

Com estas traduções do texto em mãos, recorreremos também a cópias de imagens veiculadas na rede virtual, de modo a indicar, mesmo que precariamente, uma coleção de emblemas deste livro. Consideramos que os vinte e cinco manuscritos conservados em diversas bibliotecas europeias (RICHARDS, 1998, p. xlvi), eram compostos por iluminuras de diversos artistas, nas cópias supervisionadas e assinadas pela própria Christine de Pizan. Prática habitual daquilo que, na Idade Média e no Renascimento, antes da invenção da imprensa, se compreendia como a confecção de um “livro”, objeto cultural manufaturado e composição literária manuscrita a partir de imagens, onde o texto em prosa ou poesia era assimilado à imagem, numa síntese que Dante denominou como *visibile parlare* (LEMARCHAND, 2001, p. 26). Neste sentido, o texto em prosa *L’Epistre d’Ohea*, de 1400, é um antecedente importante para a consideração deste aspecto imagético na composição d’*O Livro da Cidade das Damas*. Algumas destas artistas eram mulheres, como a própria autora registra:

“Por falar em mulheres talentosas na arte da pintura, eu mesma conheço uma Anastásia, cujo pendor para a ornamentação das iluminuras e para as paisagens de miniaturas nos livros é tão grande, que não se poderia citar na cidade de Paris, onde vivem os melhores artistas do mundo, nenhum que a superasse. Ninguém fazia melhor do

que ela, motivos florais e miniaturas. O seu trabalho era tão apreciado, que se lhe atribui o acabamento das obras mais ricas e luxuosas. Sei por experiência, pois ela pintou para mim algumas iluminuras que são tidas por todos de uma beleza incomparável, em relação a outras, feitas por outros grandes mestres.” (PIZAN, Livro I, cap. XLI, modificado)

### **Perplexidades iniciais em torno de Christine de Pizan.**

Quatro perplexidades motivaram a leitura d’*O Livro da Cidade das Damas* com os estudantes de graduação. A **primeira perplexidade** envolve o fato de *existir uma* escritora na Europa medieval. O que nos remete às condições de educação das mulheres, em geral, no período e no contexto em que Christine de Pizan viveu e escreveu. Esta perplexidade é maior para aqueles que, tendo recebido informações geradas e formadas numa leitura histórica progressista, creem que apenas no atual estágio do desenvolvimento da humanidade reunimos, enfim, as condições que capacitam as mulheres para ler, escrever, publicar e debater suas ideias. Sem examinar mais detidamente, aqui, os pressupostos implicados neste pressuposto, apenas destacamos o fato de que Christine de Pizan é *uma entre muitas* autoras medievais e renascentistas que têm sido redescobertas e estudadas. Neste caso, a preservação de seus manuscritos, bem como o crescente interesse de pesquisa na perspectiva de gênero, favorece imensamente a recuperação de sua fortuna crítica e oferece novas chaves de leitura desta autora (conf. LEITE, 2008, Capítulo Dois, e DEPLAGNE, 2012, Apresentação).

É preciso reconhecer que, no Brasil, este interesse é maior entre pesquisadores das áreas de literatura, história e teologia, do que entre pesquisadores da filosofia. Portanto, aqueles que se interessam pelo *Livro da Cidade das Damas* desde uma perspectiva filosófica, devem estar abertos para os estudos christinianos interdisciplinares. Eventualmente, encontramos referências a esta autora em histórias feministas da filosofia (WAITHE, 1989; MARTINO e BRUZZESE, 1996), ou em coletâneas que, pontualmente, aproximam Christine de Pizan de algum filósofo consagrado (GREEN, 1996), em estudos de filosofia política, filosofia moral, filosofia da religião, filosofia da educação.

Assim, o problema inicial é o impacto gerado por este texto medieval, de conhecida autoria feminina, surpreendente fortuna crítica literária, e silenciosa ou rara consideração filosófica. Como apresentá-lo ao círculo filosófico, se o próprio livro foi escrito como forma de resistência à filosofia universitária parisiense da época? Como ler filosoficamente *O Livro da Cidade das Damas*, onde, no Livro I, a aprendiz Christine é orientada pela autoridade de uma Razão alegórica e sibilante, mestra em retórica e crítica, que lhe ensina a aproximar suas leituras de Platão, Aristóteles, Ovídio, Sêneca, Agostinho, Tomás de Aquino, Dante, Boccaccio, entre outros, de sua própria experiência *enquanto mulher*? Como legitimar este texto, se ele está desautorizado por princípio, fora do jogo filosófico acadêmico, desde a época de sua produção? O que sugere María Zambrano na epígrafe afeta toda a empresa. Resgatar a obra de Christine de Pizan, em sua singularidade literária, e como uma *valiosa* estratégia de pensamento que responde à vida cultural e social de sua época, cujo sentido nos alcança ainda hoje, implica em acolher, na compreensão, estas outras possibilidades literárias que vinculam o pensamento e a vida, que permanecem à sombra porque não foram *validadas* pelo cânone filosófico ocidental.

A **segunda perplexidade** advém quando consideramos que Christine de Pizan viveu, e escreveu a maior parte de sua obra fora das abadias, mosteiros e conventos femininos que se multiplicavam pela Europa durante a Idade Média, com exceção de dois textos. *Le Livre du dit de Poissy*, escrito em 1400, é o relato da visita de Christine de Pizan à sua filha, que vivia neste convento dominicano em Saint-Louis de Poissy, e para o qual Christine retornou após os massacres que ocorreram em Paris em 1418. É neste local que escreve seu último trabalho conhecido, *Le ditié de Jehanne D'Arc*, em 1429 (entre 1429 e 1430, a data de falecimento de Christine de Pizan, segundo seus biógrafos).

Em geral, as comunidades religiosas da época eram espaços de educação e convivência onde se cultivava um modo de vida favorável à produção intelectual das mulheres. Algumas autoras medievais são mais conhecidas do que outras. Régine Pernaud pesquisou, por exemplo, o fenômeno Hildegarda de Bingen, uma pensadora monástica alemã, autorizada a escrever pelo próprio papa Eugenio II. Sua obra, com traços neoplatônicos, se estende da botânica à metafísica, passando pela música, pintura, medicina, astronomia, cosmologia, teologia.

Étienne Gilson dedicou-se a compreender as epístolas de Heloísa ao mestre Abelardo e reconheceu nelas uma autoria e uma dignidade intelectual até então obscurecida pela difamação desta mulher na vida daquele pensador. Ele aparece nos compêndios de filosofia medieval, ela não. A formulação do problema hermenêutico das epístolas de Heloísa a Abelardo, feita por Gilson, bem que poderia orientar uma investigação filosófica de Christine de Pizan: “Antes de encontrar uma fórmula para definir a Idade Média, seria preciso encontrar uma para definir Heloísa”. A afirmação irônica prossegue, revelando a prevalência do objeto sobre o método: “aconselharia que, em seguida, se procurasse uma para definir Petrarca. Isto feito, que se procurasse uma para definir Erasmo. Uma vez resolvidos estes três problemas, poder-se-á partir, com toda a segurança, para definir a Idade Média e o Renascimento. Três mais dois produz cinco impossibilidades.” (GILSON, 2007, p. 172)

Todavia, o talento de Christine de Pizan não foi cultivado em uma ordem religiosa, como Hildegarda de Bingen, nem tampouco fora ela uma peregrina, como a autora do *Espelho das almas simples*, a francesa Marguerite Porete. Assim como outras mulheres de sua época, não teve acesso à Universidade, instituição criada no século XI, em Bolonha - onde lecionava o pai de Christine de Pizan - e no século XII, em Paris. A Universidade nascente afirmou-se, ao longo dos séculos seguintes, como um espaço exclusivamente masculino, distinguindo-se radicalmente daqueles outros, criados a partir de ordens religiosas, que marcavam territórios masculinos, femininos, ou mistos, o que favoreceu o acesso de algumas mulheres ao letramento, produção intelectual e debate, mesmo que restrito a estes âmbitos. O relato que Christine de Pizan faz de [Maria de] Novella, sábia italiana que teria lecionado “matemáticas” na Universidade de Bolonha, enviada pelo próprio pai para substituí-lo em suas aulas magnas (PIZAN, Livro II, cap. XXXVI), seria uma curiosa exceção à regra?

Excepcionais também foram outras mulheres de ciência como Rebecca Guarna, Abella, Mercuriade (pseudônimo), Constanza Calenda e Dorothea Bocchi, professoras de medicina em Universidades italianas de Bolonha, Nápoles, Salerno e Pádua, e escritoras de tratados médicos (MARTINO e BRUZZESE, 1996, p. 97). Régine Pernoud observa que no transcorrer do século XIV “o saber se converte em um domínio reservado, e reservado aos homens, aos eruditos devidamente diplomados por uma ou outra faculdade” (2000, p.87). E assim, a prática milenar da medicina exercida por parteiras ou herboristas, por exemplo, foi sendo gradativamente desautorizada, perseguida e, finalmente, punida. A fama de figuras femininas que se travestiam para

frequentar espaços masculinos é mencionada por Christine de Pizan, mas o que nossa autora reivindica é o direito à ampla educação das mulheres, e sua autoridade em diversos campos de saberes e práticas *enquanto mulheres*.

A formação de Christine de Pizan, levando em conta a educação das mulheres em sua época, certamente foi privilegiada, mas só em parte responde pelo seu talento. É a sua dedicação aos estudos, e as convicções que resultam de sua contínua reflexão que se destacam de um modo surpreendente. Conforme biografias disponíveis sobre a autora, sabemos que Christine de Pizan nasceu em Veneza, filha de *Dottore* Tommaso di Benvenuto da Pizzano, médico, astrólogo, filósofo, e professor da Universidade de Bolonha. Sua mãe (cujo nome não é mencionado) era filha do anatomista Mondino di Luzzi, considerado o primeiro a realizar autópsia em uma mulher grávida (LEMARCHAND, 2001, p.52). De sua mãe, Christine recebeu o nome que assinava em seus manuscritos, signo de uma discípula de Cristo; era ela quem lia para a filha *A Lenda Áurea*, de Jacob de Vorágine, sobre histórias de santas que transformavam em liberdade seu martírio ou clausura (LEMARCHAND, 2001, p. 22 e 14). Estas lições maternas, as apreciava muito mais do que aquelas outras, as tarefas domésticas em que toda mulher medieval era iniciada, segundo ela mesma confessa, n’*O Livro da Cidade das Damas*. De seu avô materno, recebeu as primeiras lições científicas sobre o corpo humano, aprendendo a admirar sua natureza e beleza, e afastando-se dos preconceitos da medicina teológica de sua época; de seu pai, as lições de astronomia e astrologia que então se complementavam. Foi ele quem providenciou que sua filha também aprendesse Letras (italiano, francês e latim) bem como Poesia (história) e Retórica. Quando a família Pizzano se mudou para Paris, a convite do rei Charles V, o Sábio, que empregara seu pai como *physicien du Roy*, Christine de Pizan tinha aproximadamente quatro anos de idade. Ainda menina, usufruiu da corte francesa, especialmente da Bibliothèqure Royale (hoje Bibliothèqure de France) que, na época, contava com aproximadamente mil exemplares, entre os quais obras de Aristóteles traduzidas por Nicole Oresme (LEMARCHAND, 2001, p. 12). Neste ambiente de “belos livros”, ela teve acesso, entre outros, ao *Miroir historial*, de Vicente de Beauvais, e a uma edição latina da Bíblia vinda de Bolonha (PERNAUD, 2000, p. 66). Eustache Deschamps, poeta famoso em sua época, e amigo de seu pai, orientou-lhe no estudo das Artes Liberais e da Teologia.

Quando se casou, aos quinze anos de idade, com Etienne Castel, secretário do rei, e dez anos mais velho que ela, Christine de Pizan teve uma vida feliz e três filhos. Aprendeu, com seu marido, as lições do amor conjugal e alguns princípios do Direito. Escreveu sobre esta fase de sua vida em suas “*Baladas Amorasas*”, em 1379. Quando enviuvou, aos vinte e cinco anos, decidiu não se casar novamente. Outro poema autobiográfico, *Ballades du veuvage*, data de 1390. Nesta época, iniciou sua jornada de estudos solitários, cujo resultado aparecerá uma década mais tarde, a mais produtiva de sua vida. O relato poético e alegórico de sua jornada pessoal em busca da sabedoria foi composto entre os anos de 1402 e 1403, *Le Livre du chemin de long estude* (RICHARDS, 1998, p.xxvii).

Jacob Burckhardt – a quem Étienne Gilson contesta com veemência em sua abordagem sobre a Idade Média e o Renascimento – faz uma interessante consideração acerca da educação das mulheres italianas “nas classes superiores”. O que contribuiu para um entendimento do *ethos* italiano no qual Christine de Pizan se cultivou, assim como permite esboçar aqueles traços mais gerais de uma personalidade sofisticada, entusiasmada e determinada:

“Os italianos da Renascença não sentiam quaisquer escrúpulos em colocar filhos e filhas, sem distinções, no mesmo curso de instrução

literária e até mesmo filológica. Na realidade, considerando a cultura antiga o maior bem da vida, eles se alegravam quando suas filhas dela participavam. (...) Exigia-se para a perfeição da mulher o mesmo desenvolvimento intelectual e emocional que servia à perfeição do homem. Não se esperava dela, porém, uma obra literária ativa, mas, se fosse poeta, uma poderosa expressão de sentimentos, e não as confidências do romance ou do diário. (...) estas mulheres não pensavam no público; influenciavam homens famosos, e moderavam os impulsos e caprichos masculinos. O maior elogio que se podia fazer então às grandes mulheres italianas era que tinham o cérebro e a coragem de um homem. (...) O título *virago*, hoje um elogio equívoco, na época era só encomiástico. (...) Por esse motivo, encontramos lado a lado com as mais comedidas e polidas regras sociais alguma coisa que nossa época rotularia de imodéstia, esquecendo-se daquilo que corrigia e contrabalançava tal fato – o caráter forte das mulheres.” (BURCKHARDT, 1991, p. 240-241)

A atitude que Christine de Pizan revela, ao enfrentar-se com as vicissitudes da vida, sua altivez e determinação no decorrer do debate que vai protagonizar, é algo que desperta atenção. Nela encontramos os traços de uma *persona* educada neste *ethos* que Jacob Burckhardt descreve, e ao qual Régine Pernoud pode acrescentar algo mais, sobre o *ethoscortês* que animava a corte de Charles V. É por meio desta *persona* ítalo-francesa que sua voz única vai ressoar, como autora que se lança num empreendimento literário de extensa produção, e fama que atravessa séculos. Resta, ainda, encontrar a fórmula que define Christine de Pizan, seguindo a máxima de Gilson para Heloísa. Para receber o que ela concebeu como uma obra toda sua, e para as mulheres de todos os tempos. Para entender sua resposta, enquanto mulher, ao chamado desta sua vocação de escritora.

A **terceira perplexidade** nasce do fato de Christine ter protagonizado o famoso debate literário conhecido como a *Querelle du Roman de la Rose*, entre os anos de 1399 a 1403. O *Roman de la Rose* é uma obra composta por dois autores, em dois períodos diferentes. Escrito originalmente de forma poética por Guillaume de Lorris, em 1245, este *roman* apresenta aproximadamente quatro mil versos, em latim, e nas línguas vernáculas d’oc, e d’oïl. Os versos de Lorris apresentam, de forma alegórica, o sonho do poeta em um jardim onde ele observa o florescer de uma rosa, que se torna seu objeto de desejo, e pela qual empreende uma longa busca que não se soluciona no texto. É uma obra cortês por excelência, que reúne os temas da lírica amorosa que dominou por mais de três séculos na época.

No final do século XII, o clérigo parisiense Jean de Meung decide dar sua versão para o final deste *roman*, e escreve mais de dezoito mil versos que em tudo contrastam com o original. Na extensa versão de Jean de Meung, entram em cena novas personificações, não mais de sentimentos ou experiências singulares, como no universo cortês, mas do intelecto e das teses desenvolvidas na Universidade parisiense sobre o homem e seu comportamento, com análises e deduções catedráticas expressas em forma “poética” (PERNAUD, 2000, p. 86 e 87). Esta nova composição, que mais parece “a compilação de um largo processo”, fez muito sucesso no ambiente universitário, recordemos, exclusivamente masculino, na França. Os mais de duzentos e cinquenta manuscritos conservados da segunda parte do *Roman de la Rose*, indicam, como observa Régine Pernoud, a extraordinária difusão desta obra, em sua nova interpretação da mulher, “autorizada” pelos recursos acadêmicos, numa clara ruptura com a tradição

do amor cortês. As teses de Jean de Meung contrastam com a lírica de Guillaume de Lorris no seguinte:

“A demanda amorosa desaparece por completo e, em seu lugar, com um cinismo surpreendente, se professa abertamente o desprezo em relação à mulher. O amor não é nada mais do que a satisfação dos instintos, especialmente os instintos do varão. Esta recorrência do intelectual ao instinto, professado pela Razão, sob a forma mais doutoral que possa haver, não deixando nenhum lugar para nem para a sensibilidade, nem para a imaginação, marca nas letras o surgimento de uma nova mentalidade, a do professor que disserta, e do universitário cujo diploma o protege de qualquer suspeita; ambos mostram com soberba o seu desprezo pelo resto da humanidade, conscientes que estão de possuir o monopólio da autoridade científica, assim como do raciocínio lógico e do domínio sexual. (PERNAUD, 2000, p. 87, tradução nossa.)

Christine de Pizan escreve, inicialmente, *L'Epistre au Dieu d'Amour*, em 1399, onde as mulheres de todas as condições sociais recorrem ao Cupido contra os seus detratores, especialmente Jean de Meung. N' *O Livro da Cidade das Damas* há uma referência a este seu texto poético. Em *Le Dit de la Rose*, também escrito em versos, em 1402, está a culminância da polêmica sobre o *Roman de la Rose*, onde a autora funda, poeticamente, uma “Ordem da Rosa”, uma espécie de resistência literária do *ethos* cortês aos ataques à honra feminina lançados pelos “doutores da lei”. *Epistres du débat sur le Roman de la Rose*, escrito em prosa, reúne as correspondências de Christine de Pizan entre 1401 e 1403 nesta querela.

Por meio de suas correspondências, ela reúne aliados importantes para a sua causa, tanto da nobreza - como o duque de Orleans, e a própria rainha da França, Isabeau da Baviera - quanto da universidade, como o teólogo Jean Gerson, que escreve, em 1402, um tratado contra a versão do *Roman* de Jean de Meung, em favor de Christine de Pizan. Guillaume de Tignoville, diplomata do rei Charles VI, juntou-se à “corte do amor” lançada por Christine de Pizan. Do outro lado, os partidários de Jean de Meung que, desde a Universidade até a administração da corte, bem que desejariam não alimentar a *Querelle*, pois davam como verdade estabelecida as teses do clérigo, assim como a justificativa de seu modo de vida e trato com as mulheres. Ainda mais, debater com uma “mulherzinha” como Christine, isto nem lhes ocorreria. Somente o fato de que outros homens pudessem discordar de suas teses mereceu alguma atenção.

Deste modo, Christine de Pizan esteve no epicentro da *Querelle Du Roman de La Rose*. Escrevendo, foi também uma ativista e uma diplomata, na reunião de forças de resistência deste *ethos* cortês, na mesma época em que a causa que defendia entrava em uma fase crepuscular. Segundo estudos da cultura de cavalaria, onde se destaca, entre diversos gêneros, sua expressão literária medieval em *romans* (PEREIRA, 2011), deveríamos atentar para este lugar intermediário em que o gênero produziu sua própria cultura, a partir do contato com outras, como a clerical ou a lírica laica. Não que Christine de Pizan fosse uma representante da literatura de cavalaria, mas para compreender as referências que aparecem em seu *Livro da Cidade das Damas*, memórias e metáforas de justas e disputas honrosas, em companhia de guerreiras e de debatedoras memoráveis de todos os tempos sem, contudo, reduzir a pluralidade das virtudes feminina à sua capacidade de luta física ou verbal. Por mais que esta recordação pareça espantosa - considerando o sentido pejorativo que o termo “mulher” adquiriu na semântica medieval, pela aproximação estabelecida

entre *mulier* e *mollitia*, sugerindo uma inferioridade essencial deste sexo, e afirmando sua fragilidade, em todos os aspectos (físico, moral, intelectual, espiritual). E por mais espantoso que seja o seu testemunho dos feitos da donzela Joana D'Arc, no primeiro registro histórico da época, *Le ditié de Jehanne D'Arc*.

Neste sentido, dá o que pensar os comentários de Simone de Beauvoir sobre a *Querelle*, na medida em que assim começa *O Segundo Sexo*:

“Hesitei muito tempo em escrever um livro sobre a mulher. O tema é irritante, principalmente para as mulheres. E não é novo. A querela do feminismo deu muito que falar: agora está mais ou menos encerrada. Não toquemos mais nisso... No entanto, ainda se fala dela. E não parece que as tolices que se disseram neste último século tenham realmente esclarecido a questão. Ademais, haverá realmente um problema? Em que consiste? Em verdade, haverá mulher?” (BEAUVOIR, 1980, p.7)

Especialmente pelo que comenta mais adiante, em suas considerações sobre a perspectiva histórica do *devir* da condição da mulher. Ao mesmo tempo que recorda este acontecimento literário, o supera:

“Pela primeira vez, vê-se uma mulher pegar da pena para defender o seu sexo; Christine de Pizan ataca vivamente os clérigos em *L'Épître au Dieu d'amour*. Alguns clérigos, imediatamente, se levantam para defender Jean de Meung; mas Gerson, guarda-selos da Universidade de Paris, apoia Christine; redige, em francês, seu tratado a fim de alcançar um público mais amplo. (...) E Christine intervém de novo. Reclama principalmente que se permita às mulheres instruírem-se. Esta disputa só concerne, em verdade, indiretamente às mulheres. Ninguém pensa em reclamar para elas um papel social diferente do que lhes é concedido. Trata-se, antes, de confrontar a vida do clérigo com a instituição do casamento, isto é, de um problema masculino suscitado pela atitude ambígua da Igreja em relação ao casamento. (...) A “querela” é um fenômeno secundário em que se reflete a atitude da sociedade, mas não a modifica.” (BEAUVOIR, 1980, p.132-133)

As observações de Simone de Beauvoir sobre a *Querelle* indicam que ela partilhava do consenso sobre esse fenômeno literário medieval, do mesmo modo que reforça um preconceito sobre o papel de Christine de Pizan nessa polêmica. Coisa que talvez não pudesse considerar mais atentamente. Ela cita *L'Épître au Dieu d'amour*, e conhece quem está envolvido na *Querelle*, mas não dispunha de uma edição do *Livro da Cidade das Damas* em francês moderno, que só aparece em 1986, ano de sua morte. Seu ponto de vista sobre a *Querelle des femmes* simplesmente ignora todo o esforço posterior de Christine de Pizan para elaborar uma história universal das mulheres, ou para desconstruir a argumentação misógina dos universitários. Deste modo, minimiza a importância desta pensadora como uma voz limitada e submersa no contexto medieval. Seu compromisso com o futuro da condição da mulher não permite escutar os ecos de resistência das mulheres no passado, nem consegue ver em Christine de Pizan uma interlocutora.

Podemos hoje pensar uma aproximação entre os seus projetos, se considerarmos, mais além de todas as diferenças, a estranha semelhança entre o empreendimento de uma e de outra, cada qual em seu próprio contexto, e em suas obras mais famosas, Christine de Pizan em *A Cidade das Damas*, e Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*. Ambas formulam um problema teórico de largo enraizamento filosófico, histórico,

literário e político, a partir de sua própria experiência, e como pensadoras da condição humana e da condição da mulher. Elas percorrem as teses dominantes sobre a mulher em seu próprio tempo, e formulam em seus próprios termos os problemas que examinam, recorrendo à literatura e aos fatos, e desconstruindo os mitos e preconceitos que analisam. Nos dois casos, dialogam com os saberes de sua época; e respondem sobre as condições necessárias (mesmo que não suficientes) para que as mulheres possam viver em liberdade e com dignidade humana. Para uma, a ampla educação das mulheres e o reconhecimento de seus talentos e obras diversificadas (Pizan); para outra, a liberação econômica e jurídica (Beauvoir). Como ignorar que, para ambas, a consideração da decisão, do projeto de cada mulher, em uma dada situação, é fundamental para avaliar sua virtude (Pizan), ou sua autenticidade (Beauvoir)?

Ainda assim, a educação recebida, na oportunidade de cada uma, e as escolhas pessoais, na medida em que se escolhe, justificando o seu modo de vida, não asseguram um ponto de partida garantido para as próximas gerações, como um *continuum* cultural e político, do mesmo modo que podemos entender um *continuum* materno. As tarefas educacional, literária e política recomeçam e se transfiguram, a cada geração. Christine de Pizan compreendeu bem isto, ao criar um espaço literário de referência comum para as próximas gerações. E Simone de Beauvoir, quando se engajou na militância feminista, muitos anos depois de ter escrito o seu livro mais famoso.

Retomando a observação de María Zambrano na epígrafe, em relação à “menoridade” e a “maioridade” dos gêneros literários de cada época, consideramos a sugestão desta pensadora do seguinte modo: nem a hierarquia valorativa entre uma literatura (ou filosofia) “maior” ou “menor” apresenta uma justificativa inquestionável, nem a maior ou menor abrangência do círculo de leitores e comentadores de uma obra indica, por si mesmo, a importância e o valor de uma obra, sem estar fortemente relacionada às modalidades de leitura, e estas, com os modos de vida, espirituais e sociais.

Sendo assim, é possível repensar aqueles os gêneros literários obscurecidos pelas grandes sínteses teóricas de uma época, especialmente quando encontramos a literatura marginal e magistral de Christine de Pizan, como Gilson encontrou as epístolas de Heloísa. A grande metáfora da luz e da sombra, da visão associada ao conhecimento, de longa data dominante e constituinte de hábitos culturais, expressões linguísticas e procedimentos sociais, não é capaz de ensurdecer completamente os ouvidos daqueles que ainda escutam o verbo encarnado em seus textos.

A **quarta perplexidade** ocorre quando se leva em conta o fato de Christine de Pizan ter sido uma *escritora profissional*; a primeira do Ocidente, segundo alguns comentadores. Isto significa que parte de sua produção literária - que conta com dez títulos em verso e onze títulos em prosa - foram trabalhos literários pelos quais recebeu remuneração, ou foram encomendados pela nobreza. Philippe de Valois, o Audaz, irmão do rei Charles V, o Sábio, encomendou a Christine de Pizan um relato histórico e didático sobre o governo, que resultou em *Le Livre des fais et bonnes meurs du sage Roy Charles V*. Dentre outras figuras do círculo da nobreza que patrocinaram os trabalhos de Christine de Pizan listam-se John, Duque de Berry, Jonh o Destemido, o Duque Louis de Orleans e sua esposa, Valentina Visconti, Charles VI e sua esposa, Isabeau da Baviera (RICHARDS, 1998, *Introduction*, xxix, xxx).

Régine Pernoud também comenta sobre os mecenas e patronos que apoiaram Christine de Pizan (2000, p.67), e recorda as dificuldades que ela enfrentou até tornar-se uma escritora profissional. Viúva aos vinte e cinco anos, e logo mais, falecendo seu pai, recaiu sobre ela a responsabilidade de cuidar de seus três filhos, sua própria mãe, e uma

sobrinha desamparada. Os dois irmãos de Christine de Pizan voltaram para a Itália, de onde nunca mais regressaram. Os recursos da família estavam penhorados, coisa que ela desconhecia, e logo os comerciantes lhe cobraram judicialmente. Ela teve que responder em quatro instâncias jurídicas, por quatro processos em tribunais diferentes, o que se alongou por quase uma década. Passou pela provação de cada processo, enfrentando uma realidade até então desconhecida para uma mulher cultivada nas letras, mas não nos tribunais (2000, p.41-43). Quem lê as descrições que a autora faz dos tribunais em *O Livro da Cidade das Damas*, pode tomar por comédia aquilo que está mais próximo da tragédia. Este é apenas um dos momentos em que a narrativa dramática desta obra estabelece complexas relações entre ficção e realidade, entre autobiografia, biografia e história, meditando sobre a origem da injustiça e do mal, em um mundo que trata as mulheres “de todas as condições” como se fossem, elas mesmas, por natureza, um ser abjeto, não humano (como os homens). Bem longe de ser sujeito de direitos.

Em *O Segundo Sexo*, outra referência a Christine de Pizan se destaca: “As rainhas, por direito divino, as santas, por suas evidentes virtudes, asseguram-se um apoio na sociedade que lhes permite igualar-se aos homens. Das outras, ao contrário, exige-se uma silenciosa modéstia. O êxito de Christine de Pizan é surpreendente: *ainda assim, foi preciso que fosse viúva e cheia de filhos para que se decidisse a ganhar a vida com a pena.*” (BEAUVOIR, 1980, p.130, destaque nosso). Neste ponto, o juízo de Simone de Beauvoir nos surpreende. O que ela sugere quando se refere à *decisão* de Christine de Pizan em tornar-se uma escritora *profissional*? Tornar-se escritora já é um índice de sua transcendência, na medida em que afirma sua liberdade em uma determinada situação, constrangida pela necessidade, o que decidiu fazer *como* escritora, quando bem poderia casar-se outra vez. Outras mulheres também escreviam, neste período, mas ela foi capaz de obter, pelas letras, o seu sustento.

É a própria Christine de Pizan quem relata sua decisão em *tornar-se* escritora, utilizando uma metáfora familiar para a obra de um artista: “Portanto, me dediquei a forjar coisas belas, inicialmente mais breves; e, como todo artista que se torna mais hábil em seu trabalho quanto mais o pratica, sempre estudando diversas matérias, meu senso se embebia cada vez mais de coisas ignoradas, e fui corrigindo deste modo meu estilo, com mais sutileza e maior profundidade” (PIZAN *apud* PERNOUD, 2000, p.66, tradução nossa). Também é ela quem *inscreve*, por meio da estratégia literária alegórico-dialógica que imprime aos seus textos, outra metáfora que revela uma autoconsciência de seu trabalho como uma escritora *mater*: “Quero que de ti nasçam novos volumes que, no tempo porvir, e perpetuamente, vão deixar no mundo a constância de tua presença diante dos príncipes (...). Com alegria partejarás de tua memória, não obstante o trabalho e o esforço, assim como a mulher que deu à luz esquece sua dor tão rapidamente quanto escuta o grito da criança, tu também esquecerás o trabalho e o esforço ao ouvir a voz de teus volumes.” (PIZAN *apud* PERNOUD, 2000, p.66, tradução nossa).

Seria, então, *menos* autêntica a escolha de Christine de Pizan, que encontrou o seu sustento e de sua família *por meio da* escrita remunerada, o que lhe permitiu dedicar-se, com ânimo, ao universo que amava como *femme des lettres* que era, do que a escolha de Simone de Beauvoir que, tendo decidido ser escritora, foi lecionar nos liceus franceses, a fim de ter condições financeiras *para* escrever? Podemos compreender o que Simone de Beauvoir está tentando dizer, movida pelo *pathos* da irritação em relação à abordagem da condição da mulher no mundo que conhecia, mesmo quando encontrava exceções. É sempre tentador tomar a compreensão do estado de coisas que alcançamos por esforço e mérito - intelectual ou intuitivo e afetivo - como o ponto de partida para a nossa ação no mundo, junto aos demais. Neste sentido,

a *paideia* feminista é como uma *fênix*, que deve renascer a cada encontro entre as gerações.

O talento de Christine de Pizan atraiu as graças das musas e dos patrocinadores, o que lhe permitiu fazer um movimento literário exuberante e muito peculiar, nos meandros institucionais que vinculavam, em sua época, a Igreja, o Estado, e a Universidade. Sua fortuna crítica atravessou os séculos, e assim o seu legado chegou até nós.

Feitas estas considerações, seguimos para o campo d'*O Livro da Cidade das Damas*, a fim de saborear as estratégias literário-filosóficas que Christine de Pizan nos oferece como um banquete.

## Referências

- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Volume 1 - **Fatos e Mitos**; Volume 2 – **A Experiência Viva**. 3ªed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BURCKHARDT, J. **A Cultura do Renascimento na Itália**. Tradução de Vera Lúcia O. Samento e Fernando de Azevedo Corrêa. Brasília: Ed.UnB, 1991.
- GILSON, E. **Heloísa e Abelardo**. Tradução de Henrique Ré. São Paulo: Ed.USP, 2007.
- GREEN, K. “Christine de Pisan and Thomas Hobbes.” In: MAcALISTER, L.L. (Editor). **Hypatia’s Daughters. Fifteen Hundred Years of Women Philosophers**. Indiana University Press, 1996.
- LEITE, L. **Christine de Pizan: uma resistência no aprendizado da moral da resignação**. [Tese de doutorado] São Paulo: USP, PPG Letras, Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras, 2008.
- LLOBET, L. E. **Christine de Pizan (1364-1430)**. Madrid: Ediciones del Orto, 1999.
- MARTINO, G, e BRUZZESE, M. **Las filósofas. Las mujeres protagonistas en la história del pensamiento**. Traducción de Mónica Poole. Madrid: Cátedra, 1996.
- PERNOUD, R. **Cristina de Pizán**. Traducción de María Tabuyo e Agustín López. Barcelona: José J. de Olañeta, Editor, 2000.
- PEREIRA, R.C.M. “A Literatura de Cavalaria na Cultura do Ocidente Medieval.” In: ZIERER, A. e FEITOSA, M. M. **Literatura e História Antiga e Medieval. Diálogos Interdisciplinares**. São Luís: Ed. UFMA, 2011.
- PIZAN, C. **A Cidade das Damas**. Tradução e Apresentação brasileira de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012. **A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan**. Estudo e Tradução. [Tese de Doutorado] Recife; UFPE, PPG Letras, 2006.
- PIZÁN, C. **La Ciudad de las Damas**. Edición a cargo de Marie-José Lemarchand, Introducción y Notas. Biblioteca Medieval, vol VII. 2ª ed. Madrid: Siruela, 2001.
- PISAN, C. **The Book of The City of Ladies**. Translated by Earl Jeffrey Richards, Foreword by Natalie Zemon Davis. Revised Edition. New York: Persea Books, 1998.
- WAITHE, M. E. (Editor) **A History of Women Philosophers. Volume II - Medieval, Renaissance and Enlightenment Women Philosophers.A.D. 500-1600**. Minnesota: Kluwer Academic Publishers, 1989.
- ZAMBRANO, M. “La “guía”, forma del pensamiento.” In: **Hacia un saber sobre el alma**. 1ª edição. Buenos Aires: Losada, 2005.

[1] Este texto desenvolve alguns pressupostos da comunicação “Christine de Pizan: aprendiz e mestra d’A Cidade das Damas” apresentada no evento II Seminário de Estudos Medievais da Paraíba – Sábias, Guerreiras e Místicas. PPGL/PPGCR/UFPB, 11 a 13 de junho de 2012.

[2] Professora do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB).

RECEBIDO EM 01-04-2013  
APROVADO EM 20-05-2013